
EDITORIAL

Finalmente apresentamos mais um número da Revista Intratextos, o terceiro produzido desde a adoção de um sistema de “triunvirato” em nossa coordenação editorial. Com todas as dificuldades típicas do início da carreira acadêmica que enfrentamos, é gratificante notar que estamos conseguindo manter regularidade nas publicações. Ainda que o ritmo não seja aquele que gostaríamos que fosse, estamos sempre procurando adequar as agendas de nossas pesquisas às necessidades editoriais da Revista, de modo a garantir não só a novidade das teses aqui apresentadas, mas também a confiança de autores e pareceristas no trabalho dos pós-graduandos do PPCIS. Em nome de toda a equipe editorial, queremos agradecer-lhes pela participação de grande qualidade que temos recebido nesta e, esperamos, nas futuras edições.

Mas quiséramos nós que apenas as dificuldades, por assim dizer, “típicas” – embora nunca “naturais” – da vida de pós-graduando fossem tudo o que obstaculizasse o trabalho de criação intelectual e de organização editorial. O país em geral, e a UERJ em particular, vivem dramática crise. A turbulência política iniciada já no dia seguinte ao final das eleições presidenciais de 2014 culminou recentemente em um golpe parlamentar travestido de impeachment contra a presidenta eleita Dilma Roussef, do Partido dos Trabalhadores, que hoje se encontra provisoriamente afastada de suas funções. Enquanto espera o julgamento que selará o destino de seu mandato pelo Senado, a petista procura rearticular sua base de apoio na sociedade civil e no Congresso. Não obstante tal situação político-jurídica precária, o articulador do golpe e hoje presidente interino, Michel Temer, seu vice-presidente, procura avançar um programa de reformas pesadamente anti-trabalhista e anti-social, sem qualquer pudor quanto à necessidade do aval popular – isto é, das urnas – para tanto.

No âmbito estadual o cenário é quase tão desolador quanto no nacional. Embora não haja dúvida quanto à legitimidade eleitoral da força política hegemônica na região (o PMDB governa legitimamente o Estado e o município do Rio de Janeiro com amplo arco de alianças, dominando tranquilamente a Assembléia Legislativa e a Câmara Municipal, com raras vozes críticas), uma grave crise nas contas do estado tem afetado

diretamente todos os seus órgãos públicos, especialmente o setor educacional e de ciência e tecnologia. Aprofundando o quadro, temos a proximidade da realização das Olimpíadas na cidade, um escoadouro de gastos públicos que, até o momento, ainda não foi saciado.

Este cenário leva à situação que alunos, professores e funcionários da educação e da ciência produzidas no estado enfrentamos hoje: greves de todos segmentos, ausência crônica de recursos, indeterminação do futuro das instituições. Há meses os professores da rede estadual de ensino estão parados, numa greve de adesão sem precedentes; os três segmentos da UERJ estão em greve, como não poderia deixar de ser dada a deterioração das condições de trabalho. Ainda mais preocupante, no entanto, é que no caso da UERJ não seria possível retomar as atividades *mesmo que houvesse o fim da greve* – como expôs recentemente na imprensa o próprio reitor da instituição, Ruy Garcia Marques. A carência de recursos é tão grande que as dívidas da instituição se acumulam, e serviços básicos, como limpeza e manutenção de elevadores, estão suspensos por tempo indeterminado.

É nesse contexto que essa edição de nossa Revista é publicada. Através dos variados aportes de cada vertente teórica, da construção (ou desconstrução) de cada objeto ou método ou técnica de pesquisa, desejamos contribuir para o esclarecimento das determinações do complexo social, passo imprescindível na superação dos graves problemas que a população de nosso país e estado tem enfrentado recentemente.

* * *

Nesta edição oferecemos quatro artigos e duas resenhas ao público. **“O centro histórico de Campos dos Goytacazes/RJ: a revitalização, o comércio local e a nova funcionalidade do lugar”**, de **Paula Cruz Pimentel**, procura pensar as consequências de uma reforma urbana na memória dos comerciantes locais, reforma esta pautada pela de construção de uma “economia cultural” no município. Em **“A estigmatização da moradia no entorno dos igarapés e seus impactos socioambientais na cidade de Manaus”**, **Silvia Adriana Lima Correa** afirma a centralidade da questão habitacional na periferia da capital amazonense, notando como o estigma da desclassificação social

toma o local de moradia como principal indicador simbólico desta situação. Já **Ana Kelson Batinga de Mendonça**, em “**A construção da representação política na Idade Média**”, procura reconstruir o percurso teórico que a noção de representação política trilhou historicamente, focando no período histórico medieval. Em “**Uma etnografia do balé clássico: escolhas, angústias e vivências iniciais**”, **Fernanda Ferreira de Abreu** procurou refletir sobre a ambiguidade que marca a relação entre pesquisador e nativo, particularmente sobre as contra-observações que ocorrem nesta relação.

Por fim, temos as duas resenhas. A primeira é a de **Ronaldo Tadeu**: “**Entre a elite e a tecnocracia: ou a ‘política’ contra o povo**”, que discorre sobre os livros *O ódio à democracia*, de **Jacques Rancière (2014)** e *A Europa alemã: a crise do euro e as novas perspectivas do poder*, de **Ulrich Beck (2015)**. A segunda é a de **Ana Clara Cunha Sisterolli**, “**O envolvimento dos jovens nas *pandillas* latino-americanas: o caso das maras salvadoreñas**”, que trata do documentário *La vida loca*, de Christian Poveda, lançado em 2008.

Geisa Bordenave

Rafaely Camilo

Tiago Magaldi